



## O IMAGINÁRIO FEMININO NA HISTÓRIA E DOIS ATUAIS PARADIDÁTICOS PARA A JUVENTUDE

Iraci de Sales Rodrigues\*  
Geam Karlo-Gomes\*\*

**Resumo:** Este trabalho analisa o imaginário feminino no decorrer da história e em dois paradidáticos para a juventude, tendo em vista que os livros são ferramentas de grande importância para o desenvolvimento crítico dos jovens, além de ser um instrumento para desenvolver a formação do imaginário. Para isso, realizamos uma abordagem diacrônica, através de leituras fundamentadas em Durand (2004), Macedo (2002), Alambert (2004), Perrot (2008), Andrade (2003), Bourdieu (2002), Souza (2005), entre outros; e a análise de dois livros paradidáticos juvenis: *Aventuras de Alice no País das Maravilhas*, de Lewis Carroll; e *Tristão e Isolda*, de Telma Guimarães Castro Andrade. Nesta pesquisa bibliográfica de cunho analítico-interpretativa, constam também as fundamentações sobre leitura e sobre o livro: Abreu (2006), Colomer (2003), Munakata (1997) e Petit (2009). Ao abordar como o imaginário está presente nos paradidáticos, evidenciam-se que, assim como esse material se apresenta como ferramenta precursora de conhecimento sobre a essência significativa do elemento feminino para a atualidade, também revela discursos dominantes impregnados de estereótipos.

**Palavras-chave:** Imaginário; Feminino; Livros paradidáticos.

**Abstract:** This research analyzes the feminine imaginary in the course of history and in two educational materials for the youth. It is known that the books are tools of great importance for the critical development of young people, besides being an instrument to develop the formation of the imaginary. For this, we perform a diachronic approach, through readings based on Durand (2004), Macedo (2002), Alambert (2004), Perrot (2008), Andrade (2003), Bourdieu (2002) Souza (2005), among others; and the analysis of two juvenile books: *Aventuras de Alice no País das Maravilhas*, by Lewis Carroll; and *Tristão e Isolda*, by Telma Guimaraes Castro Andrade. In this analytical-interpretative bibliographical research, there are also the foundations on reading and on the book: Abreu (2006), Colomer (2003), Munakata (1997) and Petit (2009). In discussing how the imaginary is present in the educational materials, it

\* Universidade de Pernambuco – UPE.  
Recife, PE, Brasil.  
Graduação em Letras-Português  
E-mail: iracisales110393@gmail.com.

\*\* Universidade de Pernambuco – UPE.  
Recife, PE, Brasil.  
Líder do ITESI - Grupo de Pesquisa Itinerários  
Interdisciplinares em Estudos Sobre o Imaginário  
(UPE/ CNPq).  
Doutor pelo Programa de Pós-Graduação em  
Literatura e Interculturalidade (UEPB).  
E-mail: geamk.upe@gmail.com  
DOI: 10.19177/memorare.v5e12018117-135



REVISTA  
**MEMORARE**

UNISUL  
www.portaldeperiodicos.unisul.br  
ISSN 2358-0593

*is evidenced that, just as this material presents itself as a precursor tool of knowledge about the significant essence of the feminine element for the present, it also reveals dominant discourses impregnated with stereotype.*

**Keywords:** *Imaginary. Female. Educational materials.*

## 1. Introdução

A leitura é uma ferramenta essencial ao convívio social. É a capacidade leitora, visual ou escrita, que enriquece a trajetória humana. Ela é indispensável, uma vez que possibilita o senso autocrítico, desde as entrelinhas contidas em cada sentença, até tudo o que precisa ser lido e interpretado ao nosso redor.

Partindo desse pressuposto, este estudo visa analisar a representação do imaginário feminino nos livros paradidáticos voltados para jovens, identificando como ela é apresentada nesse tipo de material didático. Esses livros abordam vários temas e situações sociais que contribuem para o processo da formação crítica do indivíduo. Trata-se de um material riquíssimo para aprimorar as qualidades do leitor em formação, visto que ele também possui a finalidade de promover o prazer estético diante dos mundos da ficção.

Assim, este propósito da pesquisa se concentrou em perceber se o imaginário feminino se encontra, de forma implícita ou explícita, carregada de visões estereotipadas. O que pode influenciar na formação da juventude, vindo, portanto, a ter impactos positivos ou negativos. É através da leitura que se torna possível formar bons leitores, críticos, capaz de argumentar e de (re) construir sua própria história.

Antes mesmo de análise do corpus, a pesquisa parte de uma trajetória diacrônica do imaginário feminino. Esse caminho metodológico se fez necessário no sentido de compreender a representação da mulher durante os vários períodos da História. Logo após, buscou-se perceber como o imaginário feminino se apresenta na literatura e nas artes para, por fim, verificá-lo nos livros paradidáticos.

Para isso, dois livros juvenis adaptados para esse público são analisados: *Aventuras de Alice no País das Maravilhas*, de Lewis Carroll; e *Tristão e Isolda*, de Telma Guimarães Castro Andrade. A abordagem é de cunho analítico-interpretativo, pois parte da análise e interpretação de fragmentos dos livros paradidáticos escolhidos em associação à fundamentação teórica delineada: Abreu (2006), Colomer (2003),



Munakata (1997), Petit (2009), além de Durand (2004), Macedo (2002), Alambert (2004), Perrot (2008), Andrade (2003), Bourdieu (2002) Souza (2005), entre outros que se fizeram relevantes no decorrer desta pesquisa.

Nesse sentido, o presente trabalho visa mostrar o quanto a leitura dos livros paradidáticos é importante para a construção crítica dos jovens. Para isso, é necessário conhecer o que eles abordam, tendo em vista que são “espelhos” da realidade.

## 2. Os livros paradidáticos e a literatura

Quando se trata de literatura, os paradidáticos possibilitam enxergar novas visões. De acordo com Abreu (2006), a literatura é capaz de fazer com que os leitores se coloquem no lugar do outro, nas mais diversas situações. Conseqüentemente, pode-se refletir sobre as situações expostas nas entrelinhas. Abreu (2006) ainda faz uma reflexão acerca do poder que a leitura e, mais precisamente, os paradidáticos literários possuem. Conforme a autora, esses livros dispõem do poder de transformar os leitores em seres mais humanos. Por meio do imaginário, adentram nas histórias ficcionais. As histórias disponibilizadas nesses exemplares são capazes de fazer com que os leitores se enxerguem na alteridade; promovem o acesso a outras realidades, bem como desenvolvem sentimentos de altruísmo.

As obras paradidáticas também dispõem do poder de fazer com que os leitores tenham uma visão ampla de mundo, da diversidade de temas abordados. Por meio da leitura reflexiva, levando-os a enxergar outro mundo. Nesse sentido, os livros são capazes de “desabrochar” o imaginário dos leitores, de fazer com que eles desvendem as imagens e sentidos imersos na arte da palavra. Essa é a função do imaginário. De acordo com Vigário (2009, p. 1), o imaginário “estuda as imagens visuais, verbais e mentais produzidas pelas sociedades”.

O ato de ler implica a (re) construção das ideias. É uma tarefa essencial para o desenvolvimento intelectual. A leitura é construtiva, com poderes imensuráveis de mudar a visão das pessoas, interferindo nas suas ações durante sua vida. Além disso, vale ressaltar que a multidisciplinaridade presente nos livros paradidáticos literários abrange inúmeros elementos de vivências humanas. A respeito disso, Munakata (1997, p. 103) defende que “os paradidáticos podem proliferar em qualquer área: como todo

assunto é, em tese, verticalizável, o seu temário é inesgotável”. Assim, esse material se torna relevante no aperfeiçoamento da leitura e do senso crítico dos leitores.

Da mesma forma, o hábito da leitura é indispensável para o desenvolvimento do imaginário dos jovens e precisa ser incentivado. Cabe à instituição escolar a responsabilidade de inserir no cotidiano desses adolescentes a leitura literária; uma vez que os exemplares paradidáticos voltados para esse público são riquíssimos em temas que se voltam para as questões sociais. São nas leituras, através dos mais diversos gêneros textuais, que os jovens podem inferir sobre os padrões sociais, as ideias, crenças, valores, afetos, culturas, sentimentos e emoções. Conforme Colomer (2003, p. 14), são nos livros que “se reflete a maneira como uma sociedade deseja ser vista”. No entanto, é pertinente que essas leituras sejam mediadas, a fim de que os adolescentes tenham senso crítico em torno dos temas abordados, evitando que possam ser alienados com discursos das classes dominantes, de conjunturas políticas, sociais ou religiosas.

Ler é poder desenvolver o imaginário, algo essencial para o desenvolvimento intelectual. De acordo com Coelho e Machado (2015, p. 4), “vale destacar que o indivíduo tem habilidade de abrir janelas imaginárias, para um contato com o mundo”. Compreender o mundo através da interpretação que os gêneros literários trazem por meio da referência simbólica é grandioso para a construção identitária do próprio leitor. Por isso, é indispensável a apropriação da leitura, na qual muitos encontram a liberdade de compreender e dar sentido ao mundo e a si mesmo. É na construção crítica que se faz possível o acesso à diversidade de posicionamentos.

Além disso, o conhecimento é também uma forma de se libertar da alienação. Portanto, o contato dos jovens com os livros paradidáticos pode ser uma alternativa promissora para sua formação libertária. De acordo com Petit (2009, p. 65), “muitas vezes o saber é considerado a chave para se alcançar a dignidade e a liberdade”. Aqueles que dispõem de contato constante com a leitura possuem mais chances de adquirir conhecimentos sobre o âmbito social, sobre a manipulação e alienação que os rodeiam.



### 3. O imaginário feminino e sua trajetória histórica

Antes de entender o imaginário feminino nos livros paradigmáticos, faz-se necessário um breve estudo de sua representação desde os primórdios até os dias atuais.

A representação feminina na pré-história vai desde o aparecimento do homem até o surgimento da escrita, por volta de 4000 a. C. Alambert (2004) discorre que pouco se conhece sobre a igualdade de gênero dessa época por desinteresse de pesquisa dos historiadores. Pois, depois de vários estudos, foram encontrados vestígios que comprova a veracidade da sua identidade. Nessa época, não existia a desigualdade de gênero. Todos eram iguais e exerciam as mesmas funções. Como afirma Alambert (2004, p.27), “logo, não havia uma superioridade cultural entre homens e mulheres. Ninguém dispunha de propriedade. A família não existia e, portanto, a desigualdade era desconhecida”. Sendo assim, o compartilhamento de atividades era normal para ambos os sexos. Além disso, Alambert (2004) dita que o ambiente a que elas estavam expostas era de perigo constante, de maus tempos e, para se protegerem e sobreviverem, elas necessitavam da ajuda uma das outras. No entanto, quem escreve a história é o historiador, excluindo o gênero feminino. Como afirma Perrot (2008, p. 185), “da história, muitas vezes a mulher é excluída”.

De acordo com os estudos da evolução, foram surgindo as genes: grandes grupos de parentescos que se dividiam em clãs, pequenos grupos de famílias. Nessa passagem de formação, a mulher teve papel significativo em virtude de cuidar dos seus filhos e membros mais velhos, domesticar os animais e cultivar a terra. Esse período foi tido como auge da figura feminina, pois a descendência se dava por meio do “matrilinear”, ou seja, não existia a figura do pai de seus filhos, apenas a mãe, o que a torna responsável por criá-los sozinha. A figura feminina se multiplicava para dar conta de todas as suas obrigações. Em virtude disso, elas eram respeitadas, sendo, portanto, igualadas aos homens, sem distinção de sexos. Como salienta Alambert (2004, p. 27):

[...] o período matrilinear durou milênios. Nessa organização, inicialmente, a mulher teve um papel preponderante. Ela trabalhava a terra, domesticava animais, cuidava das crianças, velhos e doentes, além de criar vasilhames, utilizar o fogo, preparar unguentos, porções, enquanto o homem ia a caça de alimentos. Era muito respeitada por suas atribuições.



Nessa fase, a mulher possui imenso valor simbólico de mãe protetora, fecunda, capaz de gerar e de colher bons frutos, representa a figura da Deusa. Andrade (2003) enfatiza que houve a valorização da mulher quando a escassez econômica começou a atingir o grupo que era baseado na caça. Assim, a domesticação e cultivo das plantas ficavam sobre a responsabilidade das mulheres. Ainda conforme Andrade (2003, p. 142), “nesse tempo, o prestígio e poder da mulher passaram a ser associados ao papel da mãe, bem mais bem dito, da Deusa-Mãe”. Conforme Adovasio et al. (2009), é a *Vênus de willendorf*, que simbolicamente representa a Deusa da fertilidade, que promove magicamente a fecundidade.

Ainda conforme Andrade (2003), a imagem da Deusa-Mãe, símbolo da mulher que cuida dos filhos e do meio de sobrevivência é comprovada por meio de estátuas distribuídas nos museus contemporâneos. Vale (2015, p. 10) faz uma observação pertinente, enfatizando que, “por outro lado, a representação do corpo feminino é conectada com a Deusa Mãe, exibindo os atributos físicos lidos como símbolos de fertilidade. A mulher deusa e a mulher mãe”.

Logo após, surge o patriarcado, com a invenção do arado. Essa técnica substituiu a enxada, instrumento que era utilizado pela mulher, abrindo espaço para a valorização do homem e, conseqüentemente, à desvalorização da mulher, já que requer força, tanto animal quando humana para sustentá-lo. Assim, o domínio do clã passa das mulheres para os homens, tornando-as submissas e esposas únicas, artifício dos homens para terem certeza de que os filhos eram seus e a herança fosse transmitida a um legítimo. Posteriormente, surge o Estado, dividindo a população em classes sociais.

O surgimento do patriarcado foi o fator que fez da mulher um gênero inferior. A vontade de viver fez com que elas procurassem soluções para se salvar das mãos “malditas” dos seus maridos que as tinham como escravas. Sozinhas ou com ajuda das demais, as mulheres fugiam em busca da sobrevivência. Conforme Alambert (2004), a mulher era brutalmente forçada a fazer trabalhos pesados, além de sofrer maus tratos pelos seus companheiros, sendo obrigadas, muitas vezes, a fugir sozinha ou com ajuda de outras em busca da sobrevivência. Fugir não era reivindicação consciente, apenas a busca de escapar do sofrimento, do ambiente escravizado e brutal.

Na Idade-Média, por volta do século V e XV, o feminino se constitui sobre muitos estereótipos, pois o registro da história foi dominado pelos homens que também



se apropriaram de princípios éticos e religiosos. Segundo Macedo (2002), o imaginário feminino na Idade-Média é limitado e demonizado, pois a maior parte da história foi disponibilizada pelos homens, que inclusive se apoiavam nos princípios religiosos.

Nesse período, os prazeres carnavais eram associados ao demoníaco. O imaginário feminino Medieval tem então a figura de Eva como símbolo de pecadora, por isso a misoginia, tendência fundamentada por homens sob os princípios religiosos provindos de povos de culturas diversas, enquanto Adão era dotado da imagem de Deus. Sendo assim, conforme explica Priore (2007), as mulheres estão condenadas eternamente pelo fato de Eva ter tirado a inocência do mundo, uma vez que levou Adão ao pecado.

A função feminina socialmente era distinta da masculina, pois enquanto eles eram considerados detentores da força, das guerras, as mulheres exerciam as funções de doméstica e da agricultura, permanecendo em ambientes restritos. Além de serem impedidas de realizar funções em cargos públicos, elas também não tinham liberdade de exercer os ofícios religiosos e, muito menos, de falar em público. Conforme Nascimento (1997, p.85), “desde os primeiros momentos da História da Mulher, pode-se observar a insistência com que se recorre ao pensamento dos teóricos antigos e medievais sobre a condição feminina para afirmar a submissão da mulher medieval”.

As funções eram determinadas conforme o sexo, sendo assim, os homens detinham privilégio sobre as mulheres nas funções sociais. Enquanto muitas eram camponesas, senhoras, domésticas e negociantes, os homens ocupavam socialmente os melhores cargos por serem considerados superiores. Bourdieu (2002) afirma que:

A diferença biológica entre os sexos, isto é, entre o corpo masculino e o corpo feminino, e, especificamente, a diferença anatômica entre os órgãos sexuais, pode assim ser vista como justificativa natural da diferença socialmente construída entre os órgãos sexuais, pode assim ser vista como justificativa natural da diferença socialmente construída entre os gêneros e, principalmente, da divisão social do trabalho. (2002, p. 20).

O casamento era limitado às relações sociais e estava voltado mais para um “negócio”. A mulher não escolhia o companheiro, mas o pai. De acordo com Macedo (2002), não foi a Idade Média que organizou a sociedade de acordo com os sexos, tendo em vista que essa organização hierárquica é fruto da organização dos primórdios da civilização. Na Europa, tanto na parte Oriental quanto na Ocidental, algumas mulheres de alguns grupos tinham mais direitos sobre as outras, por exemplo, as solteiras que

detinham classe social rica escolhiam seus futuros esposos, como também, poderiam pedir o divórcio. O ato de ter relação sexual antes do casamento era proibido, tanto que havia vigilância constante para evitar que acontecesse, e se ocorresse, a mulher deveria ser castigada.

A mulher também não poderia sentir prazer no ato sexual, pois era vista como apenas procriadora, tanto que certas posições eram proibidas, sendo ela apenas passiva durante o coito, além das restrições no período da menstruação, pós-parto, dia de jejum e durante o aleitamento. Nascimento (1997) afirma que os homens alimentavam ideias de que a mulher era um ser dotado de coisas ruins e que deveria ser evitada. Até mesmo o ato de menstruar foi associado a algo impuro, capaz de evitar a germinação das plantas. Devido a essa associação, a mulher foi excluída das relações ativas da Igreja.

As mulheres não tinham voz sobre suas vontades, mas nem por isso elas se calaram. No entanto, essa busca pela liberdade e igualdade fez com que muitas fossem cruelmente crucificadas. Elas começaram a praticar a heresia, uma manifestação cultural que era oposta às práticas da Igreja, e, devido à ousadia de se manifestarem, foram condenadas. Sobre esse assunto, Alambert (2004, p.30) ressalta que, “por essas heresias muitas foram queimadas como feiticeiras condenadas pela santa inquisição. Mas elas eram apenas contestadoras. Algumas foram queimadas vivas e outras enforcadas”. Apesar disso, a mulher sempre foi uma parte importante para a economia na Idade Média, mas sua significativa participação foi apagada pelos discursos dos homens por ser a voz dominante da época. Assim, a luta pela liberdade também foi sinônimo da busca por igualdade. Logo, no Renascimento, as mulheres das classes privilegiadas tiveram direito à instrução e ao campo artístico. No entanto, essa conquista foi negada à classe baixa e média.

Já a Idade Moderna, do século XV ao XVIII, foi marcada por lutas femininas em busca pela igualdade, tendo como objetivo por fim a submissão. No entanto, as conquistas não estavam à altura das suas lutas. Essa busca teve marco inicial na Revolução Francesa, apoiaram-se no símbolo da Igualdade, Liberdade e Fraternidade. Mas nem mesmo a bravura foi capaz de combater o pensamento machista masculino, que considerava a figura da dona de casa, que deveria cuidar dos filhos, submissa, frágil, sem participar da vida social.



Com o surgimento do capitalismo, houve a necessidade da inserção da mão de obra feminina. Como enfatiza Alambert (2004), a mulher conseguiu alguns direitos que a igualava aos homens no âmbito familiar, nas ocupações das funções, direito ao voto e uma melhor instrução, entretanto, para muitos outros direitos, elas foram consideradas inferiores. Mesmo com essa incorporação, ainda se via a diferença em relação ao sexo: a liberdade estava omissa. A submissão era grotesca. De acordo com Alambert (2004), o gênero feminino, mesmo na Idade Moderna, continua sendo sinônimo de fragilidade. A figura feminina teve participação importantíssima no movimento, porém, sua representação foi renegada pelos historiadores. A união das mulheres em busca do seu reconhecimento e liberdade, frente à política de acesso ao trabalho fora de casa, foi por muito tempo negada.

Conforme Schmidt (2012, p. 2), “durante a Revolução Francesa, nos deparamos com importantes testemunhos que desmistificam a fragilidade da mulher que era reconhecida por sua função maternal e passividade frente aos fatos então ocorridos”. A busca pela liberdade era tão almejada que muitas estavam sempre acompanhando seus maridos, no entanto, disfarçadas de homens. Isso significa que elas eram tão corajosas quanto os homens. Percebe-se que o imaginário na Revolução Francesa permanece sobre estereótipos e preconceitos.

Apesar da submissão, mais adiante surge o exemplo de superação das mulheres que são artistas por escolha e ganham espaço, possibilitando, por meio da arte, expor seus desejos e angústias sofridas pelos homens. O imaginário feminino exposto pela mulher é distinto do masculino, pois, elas expõem suas inquietudes de sofrimento diante dos abusos sofridos, como também sua resistência, enquanto eles sempre demonstram por meio da arte a passividade delas diante dos seus desejos. Por vezes, a mulher é vista como apenas um objeto que supre as necessidades dos homens. Assim, o quadro “*Susana e os Velhos*”, da artista Artemisia Gentileschi, simboliza o que elas sofriam nas mãos dos homens. Essa foi uma forma de exprimir suas angústias. Diante disso, é perceptível que o imaginário feminino é dominado pelo discurso masculino, muitas vezes, violando sua própria memória.

Mas, inicialmente, a participação feminina foi bem restrita e voltou-se para as filhas de artistas reconhecidos da época. Diante disso, percebe-se que o gênero feminino sempre foi uma barreira, ainda mais se pertencer à classe baixa ou média. Por isso que

Bourdieu (2002) afirma que a sexualidade está associada ao poder, e conseqüentemente, à política, contrariando sua natureza.

Dentre os acontecimentos que marcaram a Idade Moderna, pode-se citar também o feminismo, que contribuiu imensamente nas conquistas femininas. Movimento que iniciou na Revolução Francesa e que buscava direitos nos mais diversos campos sociais. De acordo com Alves e Pitanguy (1985), o movimento feminista buscava superar a diferença e o autoritarismo de gênero enraizado tradicionalmente.

Na contemporaneidade, do século XVIII até os dias atuais, surgem conquistas que são fruto das lutas ao longo dos séculos. Como Moraes (2012, p. 259) enfatiza, esses direitos “soam tão naturais, como estudar, trabalhar fora do lar, votar, etc.”. Apesar das conquistas, a mulher caminha a perda da sua própria identidade, devido aos padrões impostos pela sociedade. Diante das lutas que o sexo feminino enfrenta, também é pertinente enfatizar que está em conflito consigo mesmo em busca de sua identidade, pois, está, muitas vezes, em busca do padrão de beleza que teve início na Idade Moderna. Andrade (2003) deixa bem claro que é a sociedade, mais precisamente a mídia e o marketing, que propiciaram o surgimento da mulher padronizada, de padrões de beleza definido, tornando-a ficcional. Esse imaginário é fruto do discurso que domina a sociedade, impondo às mulheres condições às quais elas devem se encaixar. Sobre esse aspecto, Santos (1998, p. 12) acrescenta que “as utopias são outras manifestações do imaginário social voltada para projeções futuras e expressam geralmente anseios de perfeições”.

Não obstante, o imaginário feminino contemporâneo não se desvinculou do discurso do passado, pois este está mais enraizado do que se imagina. Além de a mulher estar sobre a herege do julgamento da população, tem que dar conta da responsabilidade de cuidar da casa, de ser reprodutora, de trabalhar e de cuidar de si própria, ou seja, o que era considerada uma se tornou múltipla. Essa busca constante de suprir suas obrigações e ainda de ser perfeita fisicamente, configura a imagem de uma mulher em conflito com sua própria identidade. A respeito desse assunto Moraes nos alude que:

Os discursos cotidianos são um sintoma de que a sociedade ainda se pauta em valores sexistas, porém tais discursos se manifestam de novas formas. Uma análise dos textos que circulam atualmente na mídia (em reportagens de revistas, por exemplo) mostra que o estereótipo da mulher submissa foi substituído, em grande medida, pelo da mulher múltipla: que trabalha fora,



cuida da casa, dos filhos e do marido e, ainda assim, deve encontrar tempo para cuidar de si, fazer cursos de aperfeiçoamento, manter cabelos e unhas impecáveis, praticar exercícios físicos, balancear a dieta, etc. (MORAES, 2012, p. 260-261).

Apesar de as mulheres conseguirem a liberdade, é possível perceber que essa parece “camuflada”. Percebe-se cada vez mais o quanto a sociedade necessita de uma renovação de mentalidade, visto que as consequências em torno do que as leis impõem não conseguem diminuir as agressões ao gênero feminino.

#### 4. O imaginário feminino na literatura

O feminino está representado nas artes, com atenção especial, destacamos a literatura. Ao longo dos séculos, as mulheres foram representadas das mais distintas formas, cada período com suas peculiaridades. O imaginário feminino carrega vestígios arquetípicos herdados dos tempos passados. O casamento, a busca pela formação da família, a busca do seu príncipe, a figura da dona de casa e da mãe, são símbolos de um passado que não se desvinculou do imaginário humano. A dona do lar e das suas “crias” é uma simbologia que traz resquícios de um passado ainda escravocrata. Para Durand (2004, p. 6), “todas as mudanças no sujeito feminino, incluindo sua relação com o amor, são diretamente influenciadas pelo imaginário”. Ainda conforme esse antropólogo, o imaginário é como uma espécie de museu, que consegue transmitir as imagens acerca das relações sociais.

Tanto na literatura quanto em outras artes, o imaginário feminino está associado a certos estereótipos e pela cisão de gênero. De tantos imaginários no percurso diacrônico da humanidade, encontra-se o feminino muitas vezes invisível, erotizado, submisso, disciplinado, imobilizado, envelhecido, refletido, violento e degradado.

No Brasil, desde o Barroco até a contemporaneidade, o imaginário feminino oscila desde a figura feminina “dona de casa” à “dona do seu próprio destino”, capaz de tomar conta de si, com personalidade forte. A representação literária do feminino no Barroco está sobre a influência do patriarcado e do imaginário medieval. Nessa época, as diferenças de gêneros soavam forte. Enquanto o homem era símbolo da força e da inteligência, a mulher era vista como serva e demonizada. O feminino era a dona do lar,



cuidadora da casa e dos filhos. Portanto, a literatura barroca bebeu na fonte do imaginário histórico na condição feminina para representá-la na literatura.

O grandioso poeta Gregório de Matos se destaca como o principal autor no Brasil na literatura barroca. A mulher que ele retrava era idealista, longe do real. Em suas obras, percebe-se a figura da Deusa, referindo-se à dona de casa, mãe dos seus filhos e esposa. A Deusa do Barroco tem continuidade no Arcadismo, no entanto, de forma mais ficcional, pois, o imaginário feminino era voltado para a mulher bela, pastora ficcional que vivia no ambiente campestre. De acordo com Souza (2005), grande parte dos poetas árcades idealizava a figura feminina de forma mais racional do que subjetiva.

Da figura da Deusa até o feminino erotizado, o Romantismo recebeu forte influência de movimentos importantes, como a revolução Industrial, Francesa e da Independência dos Estados Unidos, que contribuíram para uma nova visão. Devido a esses fatores tão importantes para o desenvolvimento, surgiu o patriotismo, valorização do que é nacional, por exemplo, o índio, natureza, religião e a pátria. O Romantismo traz uma mulher mais forte em relação aos períodos passados, mostrando que não é tão frágil como dizem. A mulher que luta pelos seus ideais, aproximando-se da mulher real, sem tantos exageros.

Ao longo do tempo, o imaginário feminino foi tomando características peculiares, no entanto, com algumas heranças anteriores. A mulher se torna mais forte, pois surge personalidade do estilo realista. Essa representação se aproxima da realidade, mostrando outras identidades que não condizem com a fragilidade. Trata-se do feminino que “quebra” padrões, mostrando a mulher como realmente ela é. Já no Modernismo, a mulher ganha outra roupagem. Conforme Paim (2014, p. 17), o “movimento modernista no país foi resultado de intensas transformações no âmbito social”.

Na arte, assim como na literatura, o imaginário feminino é cronológico, cada época tem suas representações simbólicas peculiares. A arte soa como uma forma de memorização simbólica do imaginário, pois está sob essa representação simbólica desde os primórdios da Pré-história até a contemporaneidade.



## 5. O imaginário feminino e suas raízes de submissão

O livro paradidático juvenil *Tristão e Isolda* (2005), de Telma Guimarães Castro Andrade, narra uma história de amor entre um príncipe guerreiro e uma princesa. Ambos são de famílias diferentes, mas acabam se encontrando devido aos ferimentos de Tristão no decorrer das suas lutas contra um monstro. O primeiro encontro entre Tristão e Isolda sucedeu quando o príncipe lutou com Morholt, irmão da mãe da princesa Isolda. O bravo guerreiro ficou gravemente ferido e logo foi curado por Isolda, que é uma bruxa e mãe da princesa dos cachinhos dourados, também chamada Isolda.

O segundo encontro aconteceu quando uma andorinha trouxe um fio de cabelo para o quarto onde Tristão estava conversando com o Rei Marcos. Este mandou que aquele fosse à procura da dona dos fios dourados. Chegando lá, Tristão descobre que há um mostro nas redondezas, e quem o matar, ganhará a mão da linda Isolda. Tristão não mediu esforços e aceitou o desafio, mas fica gravemente ferido por ter lutado com o dragão e, mais uma vez, foi curado pela bruxa. Isolda se encanta pelo guerreiro, e este a recebeu para levá-la aos braços do Rei Marcos.

Tristão e Isolda se amam, mas são impedidos de viverem o amor devido ao acordo de “negócios” que o guerreiro fez com o Rei. No caminho de volta para a terra do Rei Marcos, os dois estavam com o semblante triste. Vendo essa situação, uma Pajem que os acompanhava, resolveu dar uma poção para ambos. Eles tomam e se apaixonam perdidamente. Mas, mesmo assim, são impedidos de viver esse amor, pois ela fora prometida a outro homem. No decorrer da história, eles acabam se encontrando às escondidas e terminam sendo condenados pela inquisição. No entanto, conseguem se livrar do castigo e fogem. Depois de um tempo, Tristão fica muito doente devido a sua última luta, e isso resulta em sua morte antes de se casar com a linda moça dos cachinhos dourados. Inconsolada com a situação, ela preferiu partir junto com o seu grande amor. Assim, suspirou e deixou que sua alma partisse ao encontro dele. E, por fim, uma roseira e uma bromélia foram plantadas na cova de ambos, as plantas cresceram e se entrelaçaram.

Nesse livro paradidático, é perceptível o mundo fantástico em que as personagens estão inseridas. A diferença de gêneros é marcante, pois, a imagem masculina se associa ao grande guerreiro, símbolo de bravura, enquanto a figura

feminina se assemelha à ingênua, submissa. A mulher retratada no trecho a seguir é de dependência, ou seja, a vida só tem sentido se estiver com o companheirismo. Não tem sentido viver sem a presença do gênero masculino: “ah, Rivalino, como vou esperar pelo seu retorno! Sem você não consigo viver – Brancaflor chorava sem parar, temendo pela vida do amado” (ANDRADE, 2005, p. 7).

Esse imaginário é herdado da Idade Média, em que o casamento por interesse era uma prática recorrente. Assim, o que deveria ser um ato de amor, torna-se um negócio. A união dependia de fatores sociais, por exemplo, a classe social ao qual pertencia. O sentimento de Isolda retrata bem isso, pois, a afeição foi suprimida pelo interesse do guerreiro para com o rei:

[...] o coração de Isolda encheu-se de tristeza quando seu pai colocou a mão da jovem sobre a de Tristão, firmando o compromisso. “Ele não me quer para si, mas para seu rei”, pensava ela enquanto seus olhos enchiam-se de lágrimas. (ANDRADE, 2005, p. 29).

Nesta mesma narrativa, é possível encontrar outro imaginário feminino que está muito bem representado no período medieval. O fato de que o gênero feminino não detinha voz. A mulher tinha que obedecer ao esposo. Para tanto, não podendo expressar seus sentimentos, muitas vezes guardava suas mágoas. O patriarcado representa bem a submissão da mulher. Essa condição é perceptível ainda hoje. Na história do paradidático em análise, a angústia da mulher é visível: “durante a viagem, Isolda não disse uma só palavra. Inconsolável, chorava o tempo todo. ‘Preferia estar morta’. Pensava a jovem” (ANDRADE, 2005, p. 30).

As poções que os dois jovens tomaram fizeram com que ambos se apaixonassem, porém, é um amor que não pode ser vivido devido aos interesses sociais envolvidos. O sentimento foi posto de lado, sendo, portanto, menos importante do que outros interesses econômicos envolvidos. A bela mulher de cabelos loiros está pronta para “servir” ao rei. O ato de obediência era muito importante na época, por isso que o imaginário dessa representação é tão importante, pois retrata elementos do período medieval: “mas era tarde, tudo estava consumado. Seus corações vibravam de amor em silêncio. Tristão e Isolda já se amavam desde muito tempo” (ANDRADE, 2005, p. 30).

Após receber os fios de cabelo de sua amada, Tristão vai atrás da princesa dos lindos cabelos dourados para cumprir a promessa que fez para o Rei Marcos. O símbolo



de fertilidade e união da família fora reprimido pelo interesse social: “Agradeço às andorinhas que me trouxeram seu fio de cabelo dourado como o sol. Não fossem elas, jamais a teria conhecido! – disse o marca, enquanto beijava as mãos de Isolda e agradecia a Tristão e seus nobres cavaleiros” (ANDRADE, 2005, p. 32).

Esconder a perda da virgindade era a condição da sobrevivência, pois, se descoberta, era motivo de inquisição pela Igreja. Assim, a jovem sugeriu que outra mulher deitasse com seu esposo para que ele pudesse sentir que era “pura”:

[...] o pretexto era um antigo costume irlandês, segundo o qual na noite de núpcias devia haver a mais completa escuridão. Ela não queria que Marcos percebesse que tanto o coração como o corpo da jovem já tinham um senhor. (ANDRADE, 2005, p. 32).

Muitas mulheres casavam com homens ricos, tinham direito a tudo, menos ao amor, pois, muitas amavam outro homem. Amor impossível para viver, já que favorecia o casamento de acordo com a posição social a qual pertencia. Muitas viviam deprimidas como a linda Isolda. De acordo com Macedo (2002), o enlace matrimonial era entrelaçado conforme interesses entre familiares, sobrepondo aos interesses e desejos pessoais. Dessa forma, a linda moça almejava viver com o homem que convivia consigo no mesmo ambiente, mas que não era possível devido ao “negócio” feito entre eles. O rei a amava e os barões a honravam, mas isso não satisfazia os sentimentos de Isolda. Assim, a moça vivia em profunda tristeza, sem poder realizar seus desejos.

Isolda tornou-se rainha, mas vivia em absoluta tristeza. [...] Ela tinha tudo: seu quarto era todo enfeitado com flores; os melhores tapetes cobriam o chão que ela pisava; os mais lindos quadros ornavam as paredes que ela fitava; os harpistas mais hábeis deliciavam seus ouvidos. Ainda assim, ela continuava triste. O jovem Tristão, senhor de seu coração, dormia no mesmo aposento, mas ela nada podia fazer. (ANDRADE, 2005, p. 32).

No fragmento a seguir, Isolda comete a traição por meio dos pensamentos. Pois, ela está casada com quem não é capaz de sentir desejos, atração. Assim, constantemente pensa em seu amado. Há forte presença do adultério por meio do pensamento. “Não aguento fingir uma felicidade que não sinto. Só quero dormir e sonhar com meu amor” (ANDRADE, 2005, p. 33).

O castigo por parte da Igreja era comum na época da Idade Média. O trecho a seguir da obra mostra como o poder da inquisição soa forte. O gênero feminino por si só



já era sinônimo de maldição, ainda mais quando comete o adultério, no caso de Isolda e Tristão: “os barões amarraram os amantes com cordas diante do monarca, que assistiu a tudo impassível. Logo as notícias correram pelo reino: – Tristão e a rainha foram condenados à morte!” (ANDRADE, 2005, p. 39).

Assim, percebem-se aspectos relevantes do imaginário feminino nesse paradidático para juventude. A força do patriarcado e a submissão da mulher são recorrentes em toda a trama. Orientar os jovens a perceber determinadas raízes do imaginário feminino, repletos de seus estereótipos, é uma demanda que se faz emergente.

## 6. Da expressão de fragilidade à mulher batalhadora

No livro paradidático *Aventuras de Alice no País das Maravilhas*, de Lewis Carroll, encontra-se a história de Alice. Tudo ocorre assim: Alice estava sentada à beira de um lago com sua irmã, que lia um livro. Alice até deu uma espiada nas páginas, mas não tinha figuras e nem conversas, portanto, não se interessou. Resolveu, então, fazer um colar de margarida. Quando avistou um coelho que usava um colete, achou curioso e foi atrás do animal em direção à toca e caiu em um buraco que parecia sem fim. Deparou-se com uma sala com várias portas e uma chave, que serviu para abrir uma minúscula portinha que dava acesso à vista de um jardim muito impressionante. Mas, para conseguir passar no minúsculo buraquinho, ela precisou beber uma porção de geleia que estava em cima de uma mesinha. Depois que ela entra no tão almejado jardim, vive uma longa aventura com animais personificados. Alice constantemente muda de identidade e se relaciona com os animais presentes no mesmo ambiente.

Para Alice, o medo em relação a tudo que acontece ao seu redor é visível. A possibilidade de revelar seu ato de coragem para seus familiares revela o quanto o imaginário feminino está atrelado à fragilidade e o quanto ela busca se afirmar enquanto signo de vigor e coragem:

“Bem!”, pensou Alice consigo mesma, “depois de uma queda como esta, rolar escada a baixo vai ser moleza! Como vão me achar corajosa lá em casa! Pensando melhor... eu é que não vou contar nada, nem que eu despenque do telhado!” (É muito provável que, no caso de cair do telhado, não desse para ela contar nada mesmo. Nunca mais.) (CARROLL, 2008, p.13).



A teimosia de Alice, sua busca pelo novo e, ao mesmo tempo, pela libertação, pode ser associada à mulher batalhadora, sempre a procura de uma luz para se libertar das presas da sociedade e do patriarcado.

Mas nesta garrafa NÃO estava escrito veneno, então Alice arriscou uma provadinha e achou uma delícia (tinha, na verdade, um gosto misturado de torta de morango, pudim, abacaxi, peru de Natal, puxa-puxa e pãozinho quente com manteiga), então ela acabou com tudo rapidinho. (CARROLL, 2008, p. 17).

O “nós” a que o trecho faz referência pode ser símbolo da separação de gênero, pois, não há do que se falar em um conjunto para realizar as tarefas, como também para exercer socialmente as funções. O ratinho simbolicamente representa o gênero masculino, que se identifica como superior ao feminino, ou seja, a Alice. “NÓS, coisa nenhuma! – gritou o Rato bruscamente, muito zangado – Eu nem conheço você! E eu detesto NÓS!” (CARROLL, 2008, p. 41).

Alice sentiu a revolta por ser mandada, por ser submissa: “que coisa mais esquisita”, falou Alice para si mesma, “receber ordens de um coelho! Suponho que a Dinah vai ser a próxima a mandar em mim! E ela começou a imaginar as coisas que aconteceriam” (CARROLL, 2008, p. 46). A contradição também está presente, pois, o rato representando o gênero masculino enquanto Alice, o feminino.

Essa obra pode ser associada muito bem ao papel da mulher na contemporaneidade. Trata-se da busca de afirmação, de conquistar seu espaço, do seu “jardim encantado”, de explorar novas possibilidades, novos horizontes onde, aparentemente, só o masculino parece ter o domínio. Alice é a personagem protagonista de sua história, exemplo de bravura. O feminino que se revela autêntico enquanto natureza e em sua própria personalidade. A obra traz o imaginário feminino desbravador. Ela se abre, é capaz de penetrar na “janela mais minúscula” do acesso à democracia de gênero. É a menina que, mesmo num mundo aparentemente surreal, constrói sua história com autonomia e bravura. A destemida Alice revela a luta da mulher na contemporaneidade, disposta num mundo onde é pouco aceita e compreendida, mas consegue se efetivar com segurança numa sociedade repleta de preconceitos e discriminação.



## 7. Considerações finais

Os livros paradidáticos são pertinentes na formação dos jovens, por isso, devem fazer parte do seu cotidiano, tendo em vista que a leitura constante e compreensiva é significativa para a construção crítica e construtiva. Eles também podem auxiliar a bagagem interdisciplinar, através de discussões que abrangem diversas áreas do conhecimento, fazendo *links* com aspectos culturais, sociais etc. Os jovens tendem a serem mais independentes quando são seguros, conscientes e críticos sobre as questões que se relacionam ao seu contexto social. Para isso, devem se apropriar da leitura para conhecer o mundo.

De acordo com o *corpus* analisado, pode-se averiguar que no imaginário feminino pode predominar tantos aspectos que desvalorizam as mulheres, enfatizando a inferioridade, a submissão, quanto sua condição de autenticidade, bravura, determinação e independência. Portanto, o debate em torno de conhecimentos profundos sobre os temas e tramas que perpassam os paradidáticos é essencial, pois pode evitar a “fabricação” ou “reforço” de determinados estereótipos que, possivelmente, podem interferir na formação dos jovens.

## Referências

- ABREU, M. **Cultura letrada: literatura e leitura**. São Paulo: UNESP, 2006.
- ALAMBERT, Z. **A mulher na história a história da mulher**. Brasília: Fundação Astrojildo Pereira, 2004.
- ALVES, B. M.; PITANGUY, J. **O que é feminismo**. São Paulo: Brasiliense, 1985.
- ANDRADE, R. G. N. **Personalidade e cultura: construção do imaginário**. Rio de Janeiro: Revam, 2003.
- ANDRADE, T. G. C. **Tristão e Isolda**. São Paulo: Scipione, 2005.
- BOURDIEU, P. **A dominação masculina**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2002.
- CARROLL, L. **Alice no país das maravilhas**. Trad. De Jorge Furtado e Liziane Kugland. Rio de Janeiro: Objetiva, 2008.
- COLOMER, T. **A formação do leitor literário: narrativa infantil e juvenil atual**. São Paulo: Global Editora, 2003.

COELHO, A. K.; MACHADO, M. A. **A importância da leitura na educação infantil:** um estudo teórico. Pimenta Bueno, 2015. Disponível em: <[http://fapb.edu.br/media/files/35/35\\_1941.pdf](http://fapb.edu.br/media/files/35/35_1941.pdf)>. Acesso em: 9 nov. 2017.

DURAND, G. **O imaginário:** ensaio acerca das ciências e da filosofia da imagem. Rio de Janeiro, DIFEL, 2004.

MACEDO, J. R. **A mulher na Idade Média.** São Paulo: Contexto, 2002.

MORAES, E. de. Ser mulher na atualidade: a representação discursiva da identidade feminina em quadros humorísticos de maitena. **SciELO Books.** Maringá: Eduem, 2012. p. 259-285. Disponível em: <<http://books.scielo.org/id/hzj5q/pdf/tasso-9788576285830-12.pdf>>. Acesso em: 29 set. 2017.

MUNAKATA, K. **Produzindo livros didáticos e paradidáticos.** 1997. Tese (Doutorado) - Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 1997.

NASCIMENTO, M. F. D. **Ser mulher na Idade Média.** Madrid, 1997. Disponível em: <<file:///C:/Users/DELL/Downloads/5807-18572-1-PB.pdf>>. Acesso em: 22 ago. 2017.

PAIM, L. M. **A visão da figura feminina representada na obra de Erico Veríssimo, frente a sociedade dos anos 30 e 40.** Campo Grande, 2014.

PERROT, M. **Minha história das mulheres.** São Paulo: Contexto, 2008.

PETIT, M. **Os jovens e a leitura:** uma nova perspectiva. São Paulo: Editora 34, 2009.

PRIORE, M. D. **Historia das mulheres no Brasil.** 9 eds. São Paulo: Contexto, 2007.

SANTOS, D. O. A. dos. et al. **O imaginário em debate.** São Paulo: Olho d'água, 1998.

SCHMIDT, J. F. de. As Mulheres na Revolução Francesa. **Revista Thema.** Rio Grandense, p. 1-18, 2012.

SOUZA, A. K. **A personagem feminina na literatura brasileira.** Criciúma, 2005.

VALE, A. **A mulher e a Pré-História:** alguns apontamentos para questionar a tradição e a tradução da mulher-mãe e mulher-deusa na Arqueologia pré-histórica. Coimbra, 2015. Disponível em: <<https://digitalis-dsp.sib.uc.pt/bitstream/10316.2/39124/1/A%20mulher%20e%20a%20pre%20historia.pdf>>. Acesso em: 15 ago. 2017.

VIGARIO, J. S. **História e imaginário.** Goiânia, 2009. Disponível em: <<http://docplayer.com.br/48644901-Historia-e-imaginario-palavras-chaves-historia-imaginario-imagens.html>>. Acesso em: 24 set. 2017.

**Submetido em: 02/04/2018. Aprovado em: 04/04/2018.**

